

DA MIGRAÇÃO SERTANEJA AO SURGIMENTO DAS FAVELAS: A FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL E VULNERABILIDADE EM FORTALEZA-CEARÁ

RESUMO

Os longos períodos de seca e estiagem contribuíram para a formação e expansão da cidade de Fortaleza. Muitas pessoas migravam buscando apoio do poder público. Na época ocupavam áreas públicas ou privadas desvalorizadas pelo setor imobiliário, originando as primeiras favelas em Fortaleza. Entre 1930 e 1950 surgiram várias favelas, como o Pirambu, no litoral oeste, Mucuripe, no litoral leste e o Lagamar, nas margens do rio Cocó. Muitas dessas ocupações resistem até os dias atuais e se encontram nas chamadas áreas de vulnerabilidade social e/ou ambiental. A partir do Índice de Vulnerabilidade Social-IVS, que utiliza as variáveis de renda, educação e qualidade da habitação, identificamos as áreas de alta vulnerabilidade social, que coincidem a vulnerabilidade ambiental. Percebemos que algumas áreas de favelas que surgiram a partir da migração, coincidem com áreas de alta vulnerabilidade social nos dias atuais.

Palavras-chave: Vulnerabilidade social; expansão urbana, migração; favela

ABSTRACT

Long periods of drought and drought contributed to the formation and expansion of the city of Fortaleza. Many people migrate seeking support from the Government. At the time they occupied public or private areas devalued the real estate industry, resulting in the first slum in Fortaleza. Between 1930 and 1950 there were several favelas, as the Pirambu, on the west coast, Fortaleza, on the east coast and the Lagamar on the banks of the Coco River. Many of these occupations resist until today and are in so-called areas of social vulnerability and / or environmental. From the IVS Social Vulnerability Index, which uses variables of income, education and quality of housing, we identify areas of high social vulnerability, matching the environmental vulnerability. We realize that some slum areas that emerged from the migration coincide with areas of high social vulnerability today.

Keywords: Social vulnerability; urban sprawl, migration; slum

RESUMEN

Los largos períodos de sequía y la sequía contribuyeron a la formación y expansión de la ciudad de Fortaleza. Muchas personas emigran en busca de apoyo del Gobierno. En el momento que ocupaban áreas públicas o privadas devaluaron la industria de bienes raíces, lo que resulta en el primer barrio pobre en Fortaleza. Entre 1930 y 1950 hubo varias favelas, como Pirambu, en la costa oeste, Fortaleza, en la costa este y el Lagamar a orillas del río Coco. Muchas de estas ocupaciones resisten hasta hoy y se encuentran en las denominadas zonas de vulnerabilidad social y / o ambiental. Desde el Índice de Vulnerabilidad Social IVS, que utiliza variables de ingreso, la educación y la calidad de la vivienda, se identifican áreas de alta vulnerabilidad social, igualando la vulnerabilidad ambiental. Nos damos cuenta de que algunas zonas de tugurios que emergieron de la migración coinciden con zonas de alta vulnerabilidad social en la actualidad.

Palabras clave: La vulnerabilidad social; la expansión urbana, la migración; barrio bajo

RACHEL VIEIRA DE ARAÚJO

rachelvaraujo@gmail.com

Universidade Federal do Ceará
Mestranda do Programa de Pós-
graduação em Geografia – UFC

**DRA. MARIA CLÉLIA LUSTOSA
COSTA**

clelialustosa@gmail.com

Universidade Federal do Ceará
Professora do departamento de
Geografia - UFC

ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

Este trabalho consiste em parte da dissertação de mestrado que busca discutir a vulnerabilidade social em Fortaleza dentro do intervalo de uma década (2000 a 2010), com base em censos demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Partindo da discussão a cerca da formação da cidade com o processo migratório, chegaremos a atual configuração da cidade com suas áreas de favelas, que algumas se consolidaram desde o processo de formação da cidade e coincidem com áreas de vulnerabilidade nos dias atuais.

Fortaleza é uma das maiores e mais importantes cidades do país. Segundo o Censo demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Fortaleza é a capital com a quinta maior população do Brasil e uma das mais importantes metrópoles do país. Concentra em seu território mais de 50% da população urbana do Estado do Ceará, e polariza grande parte das atividades econômicas do estado, em especial as relacionadas ao setor terciário, com destaque para o comércio e o turismo.

Entretanto, Fortaleza é também a segunda cidade mais desigual entre as cidades brasileiras. Tais desigualdades são evidenciadas através da sua morfologia urbana, que revela a presença recorrente de ocupações de risco, problemas habitacionais, ausência de saneamento básico, entre outros problemas já abordados nas pesquisas de Silva (2007); Pequeno (2009); Rosa e Costa (2009).

Pensar Fortaleza nos dias atuais nos permite dar um passo no passado, desde sua formação como cidade. Destacaremos as áreas de maior vulnerabilidade social, de acordo com o Índice de vulnerabilidade social – IVS de 2010, comparando-as com as áreas de maior pressão demográfica e também pressão nos recursos hídricos. Assim, mostraremos que áreas com habitações irregulares, déficit habitacional, carência de infraestrutura, com presença de população com baixa renda e escolaridade, caracterizam áreas de alta vulnerabilidade e fazem parte da cidade desde sua expansão urbana, quando as classes menos abastardas necessitavam fixar suas residências e isso deveria ser longe das áreas habitadas e mais valorizadas pela elite local da época.

A MIGRAÇÃO SERTANEJA E A EXPANSÃO URBANA DE FORTALEZA: O ESPAÇO DOS RICOS E O ESPAÇO DOS POBRES

O estado do Ceará está inserido no polígono das secas, no clima semiárido. Isto faz com que as secas sejam frequentes no estado, trazendo sérios prejuízos à população urbana e rural. As limitações devido ao fenômeno da estiagem foram marcantes, sobretudo no final do século XIX e até primeira metade do século XX, para o estado do Ceará e também para a cidade de Fortaleza, pois neste momento os moradores de áreas rurais do Ceará enfrentaram grandes dificuldades e Fortaleza passou a servir de refúgio para os habitantes do campo que buscavam melhores condições de vida.

Durante a estiagem, muitos moradores deixavam para trás sua vida no campo para buscar auxílio, sobretudo na capital. Muitos donos de terra começam a empobrecer e viam Fortaleza como local para superar essa fase difícil. A busca pela capital foi facilitada devido às condições de infraestrutura existentes à época e também ao papel da capital mediante outros municípios do Ceará. Silva (2007) reforça o papel de Fortaleza como polo de atração dessa população migrante:

As secas periódicas que assolavam o interior e, principalmente, a abertura de estradas e construção de rodovias ligando a capital aos municípios mais distantes do interior e a outros Estados, muito contribuíram para que Fortaleza se tornasse gradualmente um excelente polo de atração para a população migrante. (SILVA, 2007, p. 230)

Passado o período de estiagem, alguns voltavam à zona rural e outros permaneciam, o que contribuiu para uma expansão e crescimento desordenado da cidade. Estes migrantes ocupavam, na época, áreas públicas ou privadas desvalorizadas pelo setor imobiliário, como as zonas de praia, dunas, entorno de lagoas e margens de riachos, dando origem às primeiras favelas em Fortaleza. É o que afirma Silva em seu trabalho:

O homem do campo, que se desloca em busca de melhores condições de vida na cidade, quando chega, é logo “expulso” para as periferias urbanas, ficando numa situação idêntica ou pior, que a anterior. (SILVA, 1992, p. 33).

A partir destes relatos percebemos o quão era difícil a chegada e a permanência destes migrantes na capital. Entretanto, os períodos de estiagem forçavam a população do campo esse deslocamento. Com isso, determinados bairros e comunidades começaram a se formar na cidade, muitas delas ainda existem nos dias atuais e ainda possuem muitas características que remontam à época das migrações. E assim se dá o crescimento de Fortaleza, como relata o autor:

O crescimento de Fortaleza se verifica, portanto, às expensas de uma alta participação de migrantes procedentes, na sua grande maioria, do interior do Estado. Constitui-se, principalmente, de uma população de baixa renda, que, chegando à cidade, contribuiu para a expansão das aglomerações faveladas que apresentaram amplo crescimento na capital, nos últimos anos. (SOUZA, 2009, p. 15).

Com essa afirmação podemos perceber que grande parte dos migrantes que chegavam a capital, correspondia a uma população com baixo poder aquisitivo, isso nos leva a compreender que a cidade, sobretudo as áreas de favela, se formou a partir da população migrante e pobre que passaram a ocupar áreas mais distantes e menos valorizadas que o centro.

O crescimento desordenado da cidade se deu de forma que os bairros mais pobres passavam cada dia a serem mais visíveis, estes ocupavam áreas próximas às ferrovias e assim iam sendo construídas as indústrias. A razão pela localização da ocupação se dava, sobretudo pelo fato da migração ocorrer facilitada pela estrutura ferroviária.

Embora já houvesse relatos do Arraial Moura Brasil em 1888 como forma de pré-favelamento em Fortaleza, as aglomerações urbanas, com características de favelas datam, principalmente a partir de 1930. Ao longo dos anos tais aglomerações foram tornando-se maiores, e novas aglomerações surgiram, grande parte destas, derivam do aumento das migrações. Sobre os aglomerados em Fortaleza, Jucá (2003) e aponta sua localização:

(...) De 1930 a 1950, além das favelas do Pirambu e do Mucuripe, havia o Cercado do Zé Padre, o Lagamar, o Morro do Ouro, situado entre o açude João Lopes e o atual Monte Castelo, além da Varjota, Meireles, Papoquinho e a da Estrada de Ferro. Também era ocupado pela população carente o Morro do Moinho, entre a estação ferroviária e o cemitério São João Batista, o bairro do Seminário, o de São João do Tauape, que se estendia à área mais baixa do Lagamar. À margem da BR-116 ficava o Alto da Balança e, antes de Mecejana, havia a localidade denominada Cajazeiras. (JUCÁ, 2003, p. 48)

Ainda sobre os aglomerados, Silva (1992), nomeia e data alguns destes:

Entre 1930–1955 surgiram as seguintes favelas na cidade: Cercado do Padre Zé (1930), Mucuripe (1933), Lagamar (1933), Morro do Ouro (1940), Varjota (1945), Meireles (1950), Papoquinho (1950), Estrada de Ferro (1954). (SILVA, 1992, p. 29)

Com isso, percebemos que muitos destes aglomerados que se formaram a partir de 1930, ainda permanecem nos dias atuais e que possuem características bem semelhantes às características iniciais. Tais como: Lagamar, Pirambu, Moura Brasil, dentre outros.

Os bairros considerados mais pobres em 1945 eram o Pirambu e o Arraial Moura Brasil. Tais bairros estão localizados em terrenos de marinha, as favelas¹ foram construídas em espaços já ocupados por comunidades pesqueiras onde pobres e pescadores coabitavam. Os moradores sofriam com o avanço das marés e também o descaso do poder público, pois tais áreas não eram bem vista por quem governava a cidade.

O Pirambu e o Arraial Moura Brasil eram bairros próximos e possuíam características bem similares, Jucá (2003) fala que o “Pirambu era considerado “...um prolongamento do Arraial Moura Brasil, tanto territorial como no sofrimento do povo...” embora a luta de seus moradores fosse mais intensa pela posse da terra.”

Contudo, havia outros bairros carentes na cidade e com condições mínimas de bem estar, é o que nos mostra Jucá (2003):

Vila dos Estivadores, Mucuripe, Amadeu Furtado, onde grassava “...um pauperismo avassalador...”, o Monte Castelo, Bela Vista, Brasil Oitica, Campo de Aviação – Futura Aerolândia – Antônio Bezerra, Vila Zoraide, Montese, São João do Tauape, Otávio Bonfim e até o Pici. (JUCÁ, 2003, p. 53)

Tal fato nos faz perceber que a população pobre se distanciava do centro e passava a adentrar a capital de maneira mais intensa, formando novos bairros com características de aglomerados urbanos, com déficit de infraestrutura mínima para bem estar populacional. Com isso, isolar a pobreza era a “melhor estratégia” encontrada para organizar a cidade, e originar bairros com uma infraestrutura que agrada a população mais abastarda da capital. Sobre as habitações precárias, Costa faz a seguinte afirmação:

Os espaços realmente urbanizados em Fortaleza são reduzidos e até ociosos. A maior parte da população da cidade não tem acesso aos terrenos, que ficam “em pousio” nas áreas da cidade “urbanizada”. Mas como a população não pode viver fora do espaço, ela “invade” terrenos públicos e privados “amontoando-se” nas favelas ou “afastando-se” para periferias e conjuntos habitacionais distantes, com precária e até mesmo ausência de oferta de serviços e infra-estrutura. São verdadeiras cidades dentro da cidade. (COSTA, 1988, p. 46)

Fortaleza não se expandiu apenas com a pobreza e as favelas, outras formas de habitar a cidade também passaram a existir. A demanda de uma população “rica” que buscava livrar-se da presença incômoda dos mais pobres, fez com que burguesia buscasse novos espaços, distantes das indústrias e dos operários, assim, ela começou a instalar suas belas e confortáveis residências em bairros como Jacarecanga e Benfica.

Concomitantemente ao surgimento das primeiras favelas próximas das áreas centrais, surge também o bairro Aldeota, em forma de bairro organizado, com infraestrutura, equipamentos, comércio e serviços. Nesse momento Aldeota já passa a contar com rede de esgoto, abastecimento de água e coleta de lixo. Juntamente com a Aldeota outros bairros passam a ser supervalorizados pela classe média, na tentativa de sair do centro, que cada vez mais especializa suas atividade e também distanciar-se dos pobres. É o que afirma Silva em seu trabalho:

A busca de novos espaços pela burguesia que residia nas imediações da área central implicou em alterações marcantes na cidade e na super valorização de alguns bairros, como a Aldeota, Meireles, Praia de Iracema, Papicú, Bairro de Fátima e outros. A Aldeota é sem dúvida, o bairro mais valorizado da cidade por ser o preferido da burguesia e da alta classe média, Por isso, ele conta com o melhor atendimento de infra-estrutura de serviços urbanos, comércio e outros equipamentos. (SILVA, 1992, p. 50)

¹ Salienta-se o fato de só ser considerada “favela” para fins estatísticos dos órgãos oficiais a concentração de pobreza em áreas desprovidas de infraestrutura básica e onde seus ocupantes não tenham o título de posse da terra. (SILVA, 1992, p. 58)

Assim, vimos uma Fortaleza dividida e segregada, com bairros ricos, que possuem uma gama de infraestruturas e serviços e bairros pobres, onde o déficit predominava. Déficit de infraestrutura, desde o tipo de habitação até mesmo o abastecimento de água, as atividades comerciais, etc. Entretanto, a elite que buscava cada vez mais distanciar-se dos pobres via neles também a força de trabalho necessária para manter seus “padrões de luxo”, tão fora dos padrões.

São nessas “Fortalezas” paupérrimas, que a força de trabalho se reproduz em condições mínimas de subsistência. E a super exploração da classe trabalhadora, com seus salários miseráveis, que sustenta o luxo das mansões e do exército de trabalhadores domésticos mal remunerados da outra Fortaleza – a cidade dos ricos, os pseudo-ricos, da classe média alta, da grande Aldeota. (COSTA, 1988, p. 47)

589

Além dos bairros com grandes e lindas residências, Fortaleza durante os anos 70, passa a viver outra realidade. A classe média alta aspira à verticalização. Iniciam-se as construções verticais fora da área central. Na Aldeota começam a construir apartamentos ainda modestos, de três pavimentos, mas aí já é possível ver a incorporação de um diferente modo de morar na capital. Assim, edifícios de luxo começaram a substituir as grandes residências, já que determinados bairros eram “desejados” por uma classe média e tradicional, cada dia mais era valorizado com o elevado preço da terra. Com isso, casas grandes, davam lugar a apartamentos grandes em edifícios de luxo.

Com a verticalização ocorre uma valorização dos imóveis na cidade, gerando novos bairros, pois as famílias que não tinham condições financeiras para adquirir um imóvel na Aldeota passaram a buscar outras áreas bem próximas onde os agentes imobiliários também atuavam. Neste contexto se insere os bairros Varjota, Papicu e Praia do Futuro. Um destaque para a Varjota, pois este bairro no ano de 1945 se consolidava como uma área de ocupação irregular, onde a classe mais pobre habitava.

A construção desses primeiros edifícios imprime valor ao solo dessas áreas, provocando ou aguçando a especulação imobiliária e um constante processo de expulsão da população proletária nelas fixadas. Para aqueles que pretendem residir nos bairros mais equipados como os aqui mencionados, os preços são cada vez mais proibitivos para a compra do imóvel. Esse processo tem provocado a expansão dos chamados bairros de classe média baixa, em setores da cidade que habitualmente não eram ocupados por clientela desse padrão. (SILVA, 1992, p. 52)

Tal fato nos faz perceber que mesmo com os conjuntos habitacionais e até mesmo a aproximação de uma população pobre com áreas mais valorizadas, os favelados eram obrigados a conviver com a pobreza, a ausência de saneamento básico, habitações precárias, ocupando locais insalubres, mas que são próximos dos locais de trabalho, que como discutimos outrora, a casa dos ricos em muitos casos tornou-se local de trabalho de uma população carente que viam na capital a esperança de viver melhor.

Compreendemos com isso, que Fortaleza se expandiu de maneira desordenada, direcionada, sobretudo pela necessidade dos migrantes que chegavam à capital em busca de melhores condições de vida por conta da estiagem, e cresceu também devido às necessidades de uma classe mais abastada que buscava outras áreas para habitar, longe da área central e dos locais habitados pelos migrantes. Costa relata um pouco da divisão da cidade no século XX e que muitos traços desta divisão permanecem nos dias atuais.

A cidade dos ricos, e a cidade dos verdadeiros cidadãos, daqueles que estão inseridos no mercado, no consumo, e que tem renda suficiente para consumi-la, enquanto mercadorias, equipamentos, habitação, serviços. E também a cidade formal, onde se dá a reprodução ampliada de capital, que para isto necessita de boas condições de produção. E a cidade onde se reproduzem a burguesia, os técnicos de alto nível, os governantes. A cidade dos pobres, a cidade informal, foge às regras e

leis. E a cidade onde a população cria mil estratégias de sobrevivência, permitindo a reprodução simples do capital. E onde se reproduz a classe trabalhadora.

Fortaleza abriga muitas cidades – a cidade dos turistas (Beira Mar, Pousadas, Mercado Central, EMCETUR), a cidade dos bairros de alta renda (Aldeota, Papicu, Meireles, Água Fria), com centros comerciais e de serviços independentes, a cidade de classe média (Fátima, Montese, Benfica), a cidade dos conjuntos habitacionais, das favelas, mais ligadas ao centro tradicional. (COSTA, 1988, p. 24)

Essa(s) Fortaleza(s), com características distintas coexistem até os dias atuais. Fruto de uma ocupação desordenada e irregular, devido ao movimento migratório, Fortaleza apresenta disparidades em seu espaço, no modo de habitar e na divisão/distribuição de atividades e infraestrutura e nas condições de vida da população que nela habita. Essa discussão serve de subsídio para compreendermos as áreas vulneráveis na atualidade sob o ponto de vista de sua formação. Daí a necessidade de entender o fenômeno das migrações como principal característica para expansão e divisão da cidade entre bairros pobres e ricos.

VULNERABILIDADE SOCIAL: CONCEITOS E METODOLOGIA

“Vivemos em um momento histórico propício para pensarmos a vulnerabilidade. Parece que nunca nos sentimos tão vulneráveis” (HOGAN & MARANDOLA JR., 2006). É o que relatam os autores ao indicar uma série de acontecimentos ocorridos no mundo, desde catástrofes ambientais como sociais, o que ele faz referência à “sociedade do risco”. Com isso, o autor nos mostra que no pensamento acadêmico, o conceito de vulnerabilidade vem ganhando destaque e nos mostra que em vários momentos somos tão impotentes em diversas situações.

Os autores nos mostram que a Vulnerabilidade faz parte do cotidiano em geral, não apenas o meio ambiente e/ou a sociedade é vulnerável, segundo Hogan e Marandola Jr., 2006 “Os mercados são vulneráveis, as instituições, as cidades, as populações, grupos demográficos específicos, gêneros, etnias, lugares, regiões, nações, todos podem ser vulneráveis”. Desta forma, passamos a compreender que a vulnerabilidade se faz presente em diferentes contextos.

Deschamps, 2004, faz a seguinte definição sobre vulnerabilidade:

O sentido literal de vulnerabilidade é “qualidade de vulnerável”, que se aplica ao lado fraco de um assunto ou questão ou do ponto por onde alguém pode ser atacado, ferido ou lesionado, física ou moralmente. No uso corrente, vulnerabilidade denota risco, fragilidade ou dano. (DESCHAMPS, 2004, p.80)

Para Zanella, et al., 2009:

A vulnerabilidade social é uma noção multidimensional, decorrente de fenômenos diversos, com causas e consequências distintas, que afeta de forma diferenciada as pessoas e grupos sociais. As condições sociais, culturais, étnicas, políticas, econômicas, educacionais e de saúde vão tornar as pessoas e os grupos, mais ou menos vulneráveis, ou seja, com capacidade de superar ou minimizar as dificuldades e riscos, e de aproveitar as oportunidades para melhorar sua situação de bem-estar. (ZANELLA, et al., 2009, P. 192).

Rubén Kaztman, ao escrever sobre vulnerabilidade social nos países da América Latina, indica que a pobreza possui um caráter heterogêneo. Para ele, os indivíduos e famílias vulneráveis à pobreza são aqueles que possuem déficit de ativos, necessários para o aproveitamento de uma “estrutura de oportunidades” controladas por três ordens básicas: O Estado, mercado e a comunidade.

Os ativos e as estruturas de oportunidade são partes de um estudo da Comisión Económica para América Latina y el Caribe - CEPAL que busca discutir a vulnerabilidade com base no o enfoque AVEO – Ativos, Vulnerabilidade e Estrutura de Oportunidades. Para Kaztman e Filgueiras, 1999, ativos são:

(...) se refiere al subconjunto de esos recursos que componen aquellos cuya movilización permite El aprovechamiento de las estructuras de oportunidades existentes em um momento, ya sea para elevar el nivel de bienestar o para mantenerlo ante situaciones que lo amenazan. (KAZTMAN, e FILGUEIRAS, 1999, p.19).

As estruturas de oportunidades são definidas como:

Las estructuras de oportunidades se definen como probabilidades de acceso a bienes, a servicios o al desempeño de actividades. Estas oportunidades inciden sobre el bienestar de los hogares, ya sea porque permiten o facilitan a los miembros del hogar el uso de sus propios recursos o porque les proveen recursos nuevos. (KAZTMAN e FILGUEIRAS, 1999, p.9)

Com isso, as estruturas de oportunidades podem contribuir para a geração de novos ativos, ou para o aprimoramento de ativos já existentes ou renovando alguns já esgotados, podendo surgir de maneira mais significativa a partir funcionamento do mercado, do estado ou da comunidade, facilitando assim a acumulação dos mesmos. De acordo com CEPAL, as estruturas de oportunidades só importam se permitirem devolver a confiança nas próprias capacidades e uma mínima esperança de progresso.

A partir de algumas definições sobre vulnerabilidade e as discussões em torno da temática, utilizaremos o IVS criado pelo Observatório das metrópoles no ano de 2009. O IVS tem como base dados sociais, econômicos e demográficos, contidos no censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Os dados foram trabalhados a partir dos setores censitários² delimitados nas pesquisas feitas pelo instituto nos permitindo maior nível de detalhamento a cerca das informações coletadas. O índice é formado a partir de dados de renda, educação e qualidade da habitação, os dados são tratados de maneira estatística. As variáveis utilizadas na construção do índice estão representadas na tabela 01.

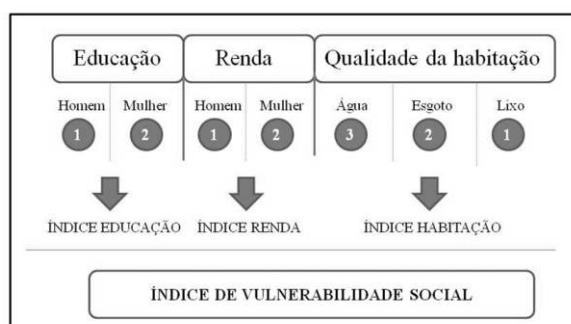
² O setor censitário, segundo a definição do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE é a menor unidade territorial, formada por área contínua, integralmente contida em área urbana ou rural, com dimensão adequada à operação de pesquisas e cujo conjunto esgota a totalidade do Território Nacional, o que permite assegurar a plena cobertura do País.

TABELA 01: VARIÁVEIS DO IVS 2010

Variáveis do Índice de Vulnerabilidade Social 2010		
Educação	Renda	Qualidade da habitação
Mulheres responsáveis analfabetas	Mulheres responsáveis sem rendimento ou com rendimento mensal de até 2 SM	Domicílios particulares permanentes que não possuem abastecimento de água da rede e de poço ou nascente na propriedade e canalização em pelo menos um cômodo
Homens não-alfabetizados responsáveis por domicílios particulares permanentes	Homens responsáveis por domicílios particulares permanentes sem rendimento e com rendimento nominal mensal de até 2 SM	Domicílios particulares permanentes que não possuem banheiro ou sanitário ligado à rede geral de esgoto ou com fossa séptica
		Domicílios particulares permanentes que não possuem lixo coletado por serviço de limpeza ou caçamba e sem outro destino do lixo

Elaboração: ARAÚJO, R. V. de. 2015

Após o a seleção e organização dos dados por índice (renda, educação e qualidade da habitação), é necessária a aplicação da média ponderada³ para assim chegarmos aos três indicadores que formam o IVS, possibilitando assim, a confecção de mapas para análise da vulnerabilidade social em Fortaleza.

FIGURA 01: ILUSTRAÇÃO DA MÉDIA PONDERADA UTILIZADA PARA CALCULAR O IVS


Fonte: Banco de dados de vulnerabilidade socioambiental da RMF. Elaboração ROSA & COSTA, 2009.

É possível observar alguns detalhes na construção de um índice e no peso das variáveis. Os dados levam em consideração os chefes de família de ambos os sexos, responsáveis pelos domicílios. Nas variáveis de renda, como de educação temos a mulher como peso dois a partir da média ponderada, pois se acredita que quando a mulher é chefe da família, esta família encontra-se em situação de maior vulnerabilidade, devido à ausência diária da mãe na família e também na formação e educação dos filhos.

No índice de qualidade da habitação podemos avaliar o acesso das famílias às infraestruturas de serviços e condições sanitárias. As famílias que possuem carências de água, esgoto e coleta de lixo em seus domicílios são mais vulneráveis e apresentam dificuldades em responder as situações adversas, tendo em vista que mudar essa realidade depende, sobretudo do poder público que até mesmo da vontade própria do indivíduo.

³ Média ponderada consiste na atribuição de valores diferentes de acordo com a importância de cada. Nela o valor é multiplicado a sua importância e em seguida dividido pelo número de importâncias.

A partir dessa metodologia, foi possível calcular o IVS 2010, gerar mapas e comparar com os dados e mapas do IVS dos anos 2000. Assim, identificamos que áreas de alta vulnerabilidade social encontradas em nossos estudos nos permitem uma comparação e discussão com áreas de favelas que se originaram a partir do processo de migração do campo para Fortaleza durante o período de estiagem.

FAVELAS E ÁREAS DE VULNERABILIDADE DE FORTALEZA

593

Os longos e difíceis períodos de estiagem forçaram população do campo a se deslocar para a cidade, neste momento a população pobre passa a ocupar áreas que a elite local não ocupava e tinha pouco ou nenhum interesse. Assim, determinadas áreas se consolidaram e ao longo dos anos representam áreas com problemas sociais e ambientais, muitas vezes ignoradas pelo poder público e pela população de Fortaleza.

A ocupação e a consolidação de determinadas áreas de Fortaleza hoje são reflexos do que a cidade foi no passado e de como seus habitantes moldaram o espaço vivido de acordo com suas necessidades. Áreas com grande índice de vulnerabilidade refletem para nós marcas do processo de ocupação da cidade, que valorizou determinadas áreas em detrimento de outras.

Pensar Fortaleza é compreender que seus espaços foram moldados ao longo dos anos, a partir da necessidade do homem que nele habita. Tais espaços revelam as práticas sociais do cotidiano, como o homem o organiza a partir de suas necessidades. É o que nos mostra o autor:

Decifrando-o, revelamos as práticas sociais dos diferentes grupos que nele produzem, circulam, consomem, lutam, sonham, enfim, vivem e fazem a vida caminhar... (CORRÊA, 2010, Apud LEFEBVRE, 1974).

O autor nos leva a refletir que, os diferentes grupos e suas diferentes atividades e modo de vida vai imprimir marcas no espaço o qual ele ocupa, organiza, produz e reproduz, com isso é possível vislumbrar que, o modo de vida das pessoas, grupos, estado, mercado, reflete diretamente na produção do espaço e nas condições de lidar com as adversidades diárias.

Corrêa (2013) nos fala que a produção do espaço “é consequência da ação de agentes sociais concretos, históricos, dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias, portadores de contradições e geradores de conflitos entre eles mesmos e com outros segmentos da sociedade.” Com isso, percebemos que a formação da cidade de Fortaleza não diferente dos demais espaços está entranhada de contradições que perpassam pelas diferentes gerações que vivem e produzem seu espaço. Isso nos faz entender que os agentes e os processos estão diretamente ligados, um não existe sem o outro, como afirma o autor:

Os agentes sociais da produção do espaço estão inseridos na temporalidade e espacialidade de casa formação socioespacial capitalista. Refletem, assim, necessidades e possibilidades sociais, criadas por processos e mecanismos que muitos deles criaram. E são os agentes que materializam os processos sociais na forma de um ambiente construído, seja a rede urbana, seja o espaço intraurbano. Afirma-se que processos sociais e agentes sociais são inseparáveis, elementos fundamentais da sociedade e de seu movimento. (CORRÊA, 2013, p. 43)

Com essa afirmação, podemos dizer que Fortaleza ganhou forma a partir das práticas sociais, sejam elas dos migrantes nas ocupações irregulares, da elite com a criação de novos bairros, do poder público ao abrir avenidas, no poder privado com os condomínios, a especulação imobiliária, dos movimentos sociais através da luta da posse da terra, dentre outros agentes. Ou seja, o processo de formação da cidade está diretamente ligado aos agentes sociais que nela estão inseridos.

Tais afirmações reforçam a teoria de que a cidade foi se moldando a partir de quem nela habitava ou daqueles que chegavam a ela para tal fim (fugindo das secas em busca de melhores condições de vida). Assim, determinados bairros ganharam formas de acordo com o interesse da população que os habitava.

Para expressar as contradições existentes na cidade utilizaremos como exemplo o litoral de Fortaleza, pois este foi primeiro ponto de expansão da cidade, quando seus habitantes passaram a vislumbrar algo além da área central que já estava consolidada.

Este, antes era visto apenas como local de repulsa, de abrigo para pescadores e para população menos abastada. No século XX, sobretudo a partir de 1970, o litoral passa a ser visto com “bons olhos” fato este que favoreceu sua valorização. Entretanto, essa valorização não ocorreu da mesma forma em todas as partes do mesmo e ao caminhar pela cidade facilmente podemos perceber que na porção oeste existem habitações horizontais, muitas com condições precárias e carência de infraestrutura. Já ao vislumbrarmos a porção leste é perceptível a supervalorização e a atuação do mercado imobiliário e investimentos também do setor hoteleiro, com uma gama de serviços e infraestrutura e intensa verticalização de alto padrão. Dantas expressa bem essa realidade:

O fluxo de pobres, à beira-mar, suscita a construção de favelas em espaço já ocupado por comunidades de pescadores, mostrando coabitação entre aqueles que residiam e os que trabalhavam nessas zonas. É nestes termos que se consolidam áreas como a do Arraial Moura Brasil, no século XIX, e a do Pirambu, no século XX.

Com a chegada das classes abastadas, o quadro é modificado. Se a coabitação torna-se possível entre pescadores e pobres, ela não é viável entre esses últimos e as classes retromencionadas.

Onde estas classes se instalam, ocorrem expulsões. Inicialmente na praia de Iracema, com a especulação fundiária, e, posteriormente, na praia do Meireles, evidenciando uma expulsão crescente dos antigos habitantes. Só as jangadas continuam a beneficiar-se das zonas de porto. (DANTAS, 2011, p. 48 e 49)

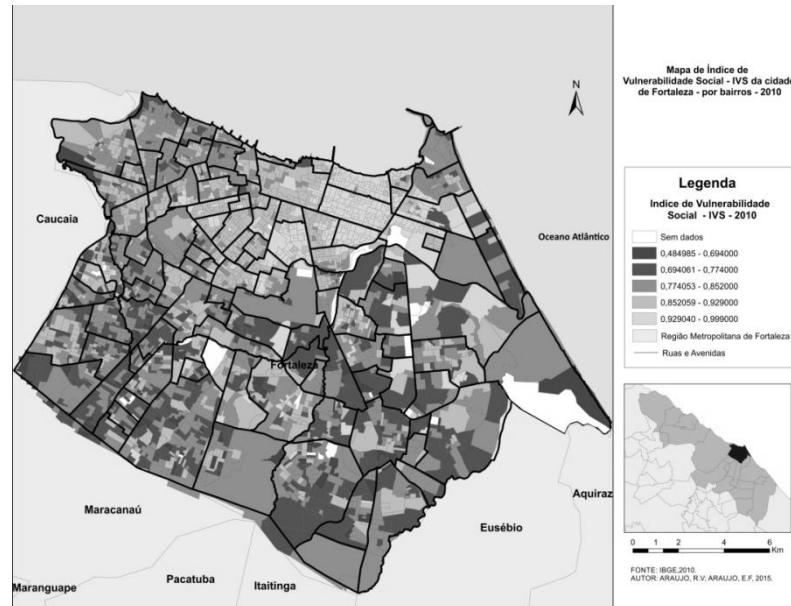
Ainda sobre a ocupação do litoral de Fortaleza,

Toda a extensão da Av. Presidente Castelo Branco (Av. Leste-Oeste) para chegar ao Moura Brasil, com ocupação irregular e predomínio de favelas. Do centro da cidade e da Praia de Iracema ao Porto do Mucuripe, a orla é de riqueza, conforto e luxo. É a vitrine do turismo de sol e praia de Fortaleza, onde se erguem hotéis de bandeira internacional, flats, restaurantes, bancos, casas de shows e oferta de qualidade de serviços urbanos e turísticos. (CORIOLANO & PARENTE, 2011, p. 66)

Com isso, os agentes produtores do espaço urbano na capital cearense refletem que as condições de moradia, infraestrutura oferecidas à população se dão de maneira diferenciada ao longo da cidade e que estas imagens remetem apenas a um exemplo de determinado espaço da cidade, entretanto, não se trata um fato isolado, pois são muitos os bairros na cidade possuem acentuadas diferenças espaciais dentro de si e também diferenças entre si. Portanto, encontramos ao longo da capital, áreas de extrema pobreza e outras dotadas de infraestrutura e habitadas por pessoas com elevados poder aquisitivo.

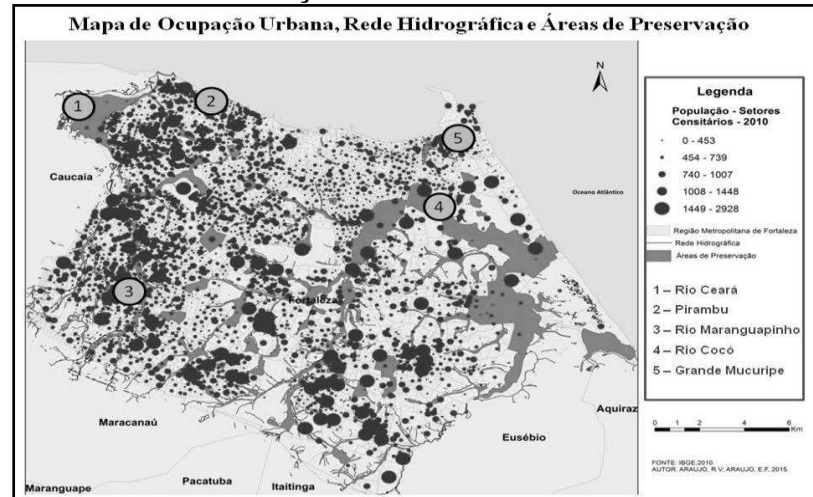
Ao tratar das áreas de favelas citamos como exemplo as contradições existentes no litoral, entretanto, essas contradições não se fazem presentes apenas nele, mas sim em Fortaleza com um todo. A vulnerabilidade social de 2010 será representada no mapa a seguir. Utilizamos cinco tonalidades diferentes que de acordo com os dados e os cálculos nomeamos cada uma delas da seguinte forma: vulnerabilidade social muito alta; vulnerabilidade social alta; vulnerabilidade social média; vulnerabilidade social baixa; e vulnerabilidade social muito baixa. Tais informações nos mostra que quanto mais escura é a área representada, mais alta é a vulnerabilidade social da mesma.

MAPA 01: MAPA DO – IVS 2010 DE FORTALEZA POR BAIRROS



Percebemos que algumas áreas mais próximas do contorno da cidade apresentam colorações mais escuras, que retratam as áreas de expansão da cidade a partir de uma população pobre que não tinha condições para morar no centro da cidade e nem em áreas valorizadas pela elite e o setor imobiliário.

MAPA 02: OCUPAÇÃO URBANA, REDE HIDROGRÁFICA E ÁREAS DE PRESERVAÇÃO EM FORTALEZA



O mapa 02 mostra algumas áreas escolhidas para enxergar as diferenças dentro da cidade e como se deu sua formação a partir da consolidação de áreas de favelas que nos dias atuais “se encontram” com áreas de vulnerabilidade social alta ou muito alta. Vislumbramos Fortaleza, suas áreas de preservação, os rios e principalmente como a população está distribuída na capital. Podemos perceber que determinadas áreas da cidade constitui ainda vazios urbanos, entretanto, são poucas estas áreas. O que visualizamos fortemente no mapa é uma elevada pressão demográfica, sobretudo próxima aos recursos naturais.

O ponto número 01 do mapa, nos mostra o Rio Ceará e sua área de preservação. Em suas proximidades encontra-se o bairro Vila Velha que possui altas taxas populacionais, sobretudo localizadas próximo ao rio. E neste mesmo ponto ainda é possível visualizar parte da população adentrando a área de preservação da cidade.

Este mapa nos mostra que embora haja especulação imobiliária no litoral, com presenças de flats, hotéis e edifícios, a pressão demográfica no litoral leste é bem menor se comparada ao litoral oeste constituído pelo Pirambu, Barra do Ceará, Arraial Moura Brasil, dentre outros. Tais bairros constituem áreas de maior pressão demográfica, como vemos em destaque no ponto 02 do mapa. Estes bairros são mais antigos, inicialmente ocupados por pescadores e migrantes o que leva a perceber que algumas características de seu surgimento ainda permanecem nos dias atuais.

No ponto 03 do mapa, temos o rio Maranguapinho, que possui sua bacia hidrográfica localizada em quatro municípios da RMF, sendo eles: Fortaleza, Caucaia, Maranguape e Maracanaú. A parte vislumbrada no mapa constitui o baixo curso do mesmo que deságua no rio Ceará, passa por bairros como Bom Jardim, Granja Portugal, Autran Nunes, dentre outros bairros da capital. No mapa podemos perceber que a pressão demográfica é alta nas proximidades do rio Maranguapinho, o que acarreta sérios problemas sociais e ambientais. Conforme explana Almeida:

A expansão urbana desordenada no âmbito da bacia do rio Maranguapinho, com a proliferação de habitações informais (favelas, ocupações e loteamentos clandestinos), vêm contribuindo para exacerbar umas das principais e mais graves vulnerabilidades ambientais da região: as inundações. A remoção da cobertura vegetal ribeirinha, o assoreamento, os depósitos de resíduos sólidos, as lavras clandestinas de areia, a poluição industrial e a canalização direta de esgotos são fatores que ampliam o número de áreas de risco, principalmente nos municípios de Maracanaú, Caucaia e Fortaleza. (ALMEIDA, 2006, p 190)

O autor afirma que a ocupação irregular e desordenada contribui para aumento da vulnerabilidade ambiental e consequentemente temos também elevada vulnerabilidade social no local. Tendo em vista que próximo às margens de rios não são áreas adequadas para habitação e também neste ponto da cidade não é uma área bem vista pelo setor imobiliário, direcionando aquele lugar pessoas com baixa renda, pouca qualidade na habitação, sobretudo em questões relacionadas ao esgotamento sanitário e também baixo índice educacional.

O rio Cocó demarcado no mapa pelo ponto número 04 nos permite ver que em determinados setores censitários específicos há grande população, entretanto isso não ocorre de maneira a pressionar tão fortemente o rio, se comparado à pressão demográfica exercida sobre o rio Maranguapinho. Nas proximidades do rio Cocó, encontramos bairros com casas de alto padrão, e com ótima infraestrutura, comércio e serviços. Os bairros Edson Queiroz, Dunas, Cidade 2000, dentre outros, são bairros que embora próximos do rio, possuem uma dinâmica bem diferenciada dos bairros da proximidade do rio Maranguapinho. Temos como exemplo a Cidade 2000, um bairro criado inicialmente para ser bairro popular e hoje desempenha um papel diferente no contexto urbano de Fortaleza, é o que afirma Costa:

A localização da cidade 2000, hoje em bairro de população de elevado poder aquisitivo, influencia na mudança de valor da mercadoria casa, pois está imbutido na sua valorização o elemento “status social” determinado pelo espaço relacional do entorno. Casas de valor de uso se transformam em valor de troca, sendo alugadas e tendo suas chaves passadas a novos proprietários de maior renda. (COSTA, 1988, p. 179)

No ponto 05 do mapa, temos o grande Mucuripeco Grande Mucuripeco que “abriga” os bairros Mucuripeco, Vicente Pinzon, Cais do Porto e Serviluz. Neste ponto voltamos novamente ao litoral. Entretanto, encontramos uma dinâmica diferenciada, por conta da presença do porto do Mucuripeco, principal porto da cidade.

No Porto do Mucuripeco encontramos uma dinâmica voltada para o transporte de mercadorias, objetiva-se também no local a criação de um terminal de passageiros, o qual já está em construção para receber cruzeiros que irão trazer turistas de todo o mundo. No

entanto, à sua volta, encontramos bairros com sérios problemas sociais, com habitações precárias, com alto índice de violência, criminalidade, uso de drogas etc. É o que afirma Cunha et al, (2012):

A população do grande Mucuripe e do seu entorno (Vicente Pinzon e Serviluz) caracteriza-se por uma comunidade humilde, abrigando pescadores, trabalhadores portuários, da indústria, comércio, serviços e uma classe que se intensificou com a construção do Porto, que é a das prostitutas. Marcado por uma região de contradições e por interesses imobiliários, a zona do Mucuripe tem o seu espaço modificado por uma série de fatores. (CUNHA, et al, 2012)

Nas mediações do Porto do Mucuripe encontramos os bairros Serviluz e Vicente Pinzon, bairros caracterizados por intensa Vulnerabilidade social e ambiental, com habitação irregular e precária e com embates ambientais, devido à mercantilização da terra e dos espaços.

O primeiro é caracterizado pela irregularidade da terra, onde os moradores “coabitam com a invasão das areias às suas casas, com problemas socioambientais verificados em áreas como esta e com o não-atendimento de suas necessidades por parte das políticas públicas” (LIMA & MEIRELES, 2006, p 357).

Neste contexto, percebemos quão cheia de contrastes é Fortaleza e como o social e o ambiental/natural estão próximos. A vulnerabilidade se faz presente nos dados e nos permite enxergar as contradições sociais que surgiram desde a formação da cidade e se perpetuam nos dias atuais, podendo ser vistas em Fortaleza, sobretudo nas áreas de favelas o que fica claro que as vulnerabilidades mais altas estão presentes em áreas ocupadas no momento de expansão da cidade por uma população migrante e/ou pobre que outrora se fixou na capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As migrações tiveram um papel fundamental na configuração socioespacial de Fortaleza. Pensar a cidade hoje significa pensá-la nas suas complexidades e contradições. Percebemos que a mesma foi moldada a partir da atuação de diversos agentes, como o poder público, a elite local e também a população migrante. Pois percebemos que determinadas áreas ainda são nos dias atuais reflexos do processo de ocupação e formação da cidade, entretanto, outras “fugiram” desse estigma e outras são cada dia mais valorizadas através dos agentes produtores do espaço, sobretudo a iniciativa privada (setor imobiliário) e o poder público com investimentos em infraestrutura.

Com isso, compreendemos como determinados espaços se formaram. A divisão tão nítida existente na capital entre área nobre e periferia, favorece as discussões sobre vulnerabilidade social, uma temática muito discutida nos dias atuais e que Fortaleza convive diariamente com ela.

O IVS nos permite compreender as diferentes áreas de vulnerabilidade na cidade. Encontramos contradições entre os bairros da capital e também dentro deles mesmos. É possível identificar que alguns bairros onde predomina o índice de vulnerabilidade muito baixo, possuem algumas áreas que abriga uma população com baixa renda, baixa escolaridade e condições precárias de infraestrutura. Com isso, visualizamos que as contradições na cidade se faz presente não só entre os bairros que a formam, mas também dentro de alguns bairros onde riqueza e miséria convivem diariamente, fortalecendo a discussão das formação das favelas a partir da expansão da cidade e as contradições sociais existentes na atualidade, reflexos de uma ocupação desordenada característica da maioria das metrópoles brasileiras.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. Q. de. Vulnerabilidade e riscos socioambientais na bacia hidrográfica do rio maranguapinho – CE. In: SILVA, J. B.; et al. (orgs.). **Litoral e Sertão: natureza e sociedade no nordeste brasileiro**. Expressão Gráfica, 2006.
- CORIOLOANO, L. N. PARENTE, K. M. Espaços de reserva do capital na orla oeste de Fortaleza (Ceará, Brasil): Demandas para lazer e turismo. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*. V. 5, n. 1, p. 63-82, 2011
- CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito chave da Geografia. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C; CORRÊA, R. L. **Conceitos e temas**. 13ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- _____. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In: CARLOS, A. F. A; SOUZA, M. L. de; SPOSITO, M. E. B. **A Produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. 2ª reimpressão. São Paulo: contexto, 2013.
- COSTA, M. C. L. **Cidade 2000: expansão urbana e segregação espacial em Fortaleza**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH, 1988
- CUNHA, G. B. ; COSTA, M. C. L. ; SILVA, R. B. . **Os impactos das obras da Copa de 2014 no Grande Mucuripe (Fortaleza - Ceará)**. In: XVII Encontro Nacional de Geógrafos - ENG, 2012, Porto Alegre. Anais do XVII Encontro Nacional de Geógrafos, 2012.
- DANTAS, E. W. C. **Mar à vista: estudo da maritimidade em Fortaleza**: Museu do Ceará/Secretaria de cultura e Desporto do Ceará, 2011, 2ª ed.
- DESCHAMPS, M. V. Vulnerabilidade Socioambiental na Região Metropolitana de Curitiba. Tese (Doutorado) em Meio Ambiente e Desenvolvimento. UFPR, 2004.
- HOGAN, D. J.; MARANDOLA JR, Eduardo . Para uma conceitualização interdisciplinar da vulnerabilidade. In: José Marcos Pinto da Cunha. (Org.). **Novas Metrôpoles Paulistas: população, vulnerabilidade e segregação**. Campinas: Núcleo de Estudos de População, 2006, p. 23-50.
- JUCÁ, G. N. M. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960)**. São Paulo: Annablume, 2003.
- KAZTMAN, R. FILGUEIRA, C. **Marco conceptual sobre activos, vulnerabilidad y estructura de oportunidades**. Montevideo, CEPAL/PNUD, 1999.
- LIMA, E. L. V.de. MEIRELES, A. J. A. Serviluz, embate entre questões sociais e ambientais. In: SILVA, J. B.; et al. (orgs.). **Litoral e Sertão: natureza e sociedade no nordeste brasileiro**. Expressão Gráfica, 2006.
- PEQUENO, R. B. Estrutura intraurbana socioocupacional & condição desigual de moradia na Região Metropolitana de Fortaleza. In: DANTAS, E. W. C; COSTA, M. C. L. **Vulnerabilidade socioambiental na Região Metropolitana de Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.
- ROSA, S. V; COSTA, C. L. C. Banco de dados de vulnerabilidade socioambiental da Região Metropolitana de Fortaleza – Ceará. In: DANTAS, E. W. C; COSTA, M. C. L. **Vulnerabilidade socioambiental na Região Metropolitana de Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.
- SILVA, J. B. da. **Quando os incomodados não se retiram: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza**. Fortaleza: Multigraf Editora, 1992.
- _____. A Região Metropolitana de Fortaleza. In: SILVA, J. B. da. et al. (orgs.). **Ceará: novo olhar geográfico**. 2 ed. Fortaleza: Edição Demócrito Rocha, 2007.
- _____. A cidade contemporânea no Ceará. In: Simone de Sousa (Orgs.). **Uma nova história do Ceará**. 4ª Ed. Edições Demócrito Rocha, 2007, p. 215-236.
- SOUZA, M. S. de. Análise da estrutura urbana. In: DANTAS, E. W. C. **De cidade à metrópole: (trans)formações urbanas em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.
- ZANELLA, M. E. COSTA, M. C. L. da. PANIZZA, A. C. ROSA, S. V. Vulnerabilidade socioambiental de Fortaleza. In: DANTAS, E. W. C.; COSTA, M. C. L. (orgs.). **Vulnerabilidade socioambiental na região Metropolitana de Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.